

## VOZES DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL EM RELATÓRIOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS PRAGMÁTICOS

### TEACHER'S VOICES IN INITIAL TRAINING IN SUPERVISED INTERNSHIP REPORTS: CONTRIBUTIONS OF PRAGMATIC STUDIES

Bruno Gomes Pereira\*

Dieysa Kanyela Fossile\*\*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a projeção de vozes de professores em formação inicial em relatórios de estágio supervisionado produzidos no contexto acadêmico do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Tocantins. Tais vozes foram identificadas a partir do uso de dêixis e de certos aspectos verbais na produção escrita. Estamos inseridos no campo dos estudos pragmáticos da linguagem, mais especificamente na *sociopragmática*, corrente de investigação defendida por Jacob Mey (2001). Ao fazermos uso da concepção de “voz” apresentada pelo pesquisador dinamarquês, mobilizamos também alguns pressupostos dos estudos filosóficos bakhtinianos (2003, 2002), tais como a ideia de polifonia, dialogismo e gênero discursivo. A investigação é do tipo documental e de abordagem qualitativa, pois presumimos que os relatórios de estágio, por serem documentos semiotizadores de práticas sociais específicas, podem ser analisados conforme o princípio da interpretabilidade, sendo este uma possibilidade pertinente para captação de seus sentidos. Os dados revelam vozes de professores em formação inicial que direcionam o texto a um perfil reflexivo, próximo do que se espera da escrita de um relatório de estágio.

PALAVRAS-CHAVE: Sociopragmática; Vozes; Estágio Supervisionado.

ABSTRACT: This article aims to analyze the projection of teacher voices in initial training in supervised internship reports produced in the academic context of the course of

---

\* Doutorando em Letras: Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* universitário de Araguaína. Bolsista CAPES. E-mail: brunogomespereira\_30@hotmail.com.

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora e professora adjunta vinculada ao curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* universitário de Araguaína. E-mail: dieysafossile@bol.com.br.

letters of the Federal University of Tocantins. Such voices were identified based on the use of deixis and on certain verbal aspects in written production. We are inserted in the field of pragmatic studies of language, more specifically in socio-pragmatic, vein of research defended by Jacob Mey (2001). When we use the concept of “voice” presented by the Danish researcher, we also mobilized some assumptions of philosophical studies of Bakhtin (2003, 2002), such as the idea of polyphony, dialogism and gender discourse. The research is of documentary type and of qualitative approach, because we assume that the internship reporting, being documents of semiotization of specific social practices, they can be analyzed according to the principle of interpretability, being this a relevant possibility for the capturing of their senses. The data reveal teacher’s voices in initial formation that direct the text to a reflective profile, close to what is expected of the writing of an internship report.

KEYWORDS: Socio-pragmatic; Voices; Supervised Internship.

## INTRODUÇÃO

Nesta abordagem, nos propusemos a discutir sobre as peculiaridades do estágio supervisionado. Deste modo, o objetivo central deste artigo é refletir a respeito das projeções de vozes dos professores em formação inicial nos relatórios de estágio supervisionado, explicitadas por mecanismos textuais no momento da tessitura do texto. Ressaltamos que os professores em formação inicial serão, aqui, denominados de alunos-mestre.

Como aporte teórico, mobilizamos pressupostos da pragmática, mais especificamente dos estudos das vozes sociais, desenvolvidos pelo pesquisador dinamarquês Jacob Mey (1998; 2001). Pressupomos que os estudos pragmáticos podem contribuir de maneira substancial com esta pesquisa, partindo das problematizações que evidenciam sobre enunciação e contexto, sobre os quais discutiremos adiante. Os estudos pragmáticos da linguagem se fazem pertinentes nesta abordagem, uma vez que estamos entendendo o estágio supervisionado como um contexto de práticas linguísticas concretas

(PINTO, 2003; FIORIN, 2011, 2012), portanto, basilar em uma licenciatura. Dessa forma, a ideia de prática linguística apresentada pela pragmática nos proporciona uma visão social a respeito do estágio e das atividades desenvolvidas no decorrer dessa disciplina, sendo, pois, manifestações da linguagem mediadas por relações semânticas e discursivas.

Entretanto, é necessário esclarecermos que compreendemos que a relação entre pragmática e semântica é bastante próxima e bem estreita, permitindo, em alguns momentos, que conjecturemos que são áreas indissociáveis. Deste modo, ainda em relação à semântica e à pragmática, advogamos que

uma maneira mais segura de separar a semântica da pragmática é através da noção de intenção do falante: a pragmática busca reconstruir o que o falante quis dizer ao proferir uma sentença, qual era a sua intenção comunicativa; é importante notar que se trata de intenção comunicativa, isto é, o falante quer que o ouvinte perceba sua intenção ao proferir uma dada sentença, o que o

leva a dizer o que disse. Há, evidentemente, outras intenções para além da comunicativa, mas essas não pertencem ao domínio da linguística. [...] a semântica tem como objetivo reconstruir o sentido da sentença, porque a composição de palavras fornece significado à sentença. (OLIVEIRA, 2009, p. 18; cf. 2001)

Assim sendo, sustentamos que os significados que podemos atribuir às práticas linguísticas desenvolvidas no estágio supervisionado dependem diretamente das relações discursivas estabelecidas com esferas sociais maiores, tais como a universidade e a escola de ensino básico. Por conta da proximidade possível entre semântica e pragmática, algumas vezes, no decorrer deste texto, utilizaremos a expressão *relação semântico-pragmática* (cf. CANÇADO, 2013), essencialmente para designar os sentidos que estabelecemos à projeção das vozes dos alunos-mestre no *corpus* de nossa pesquisa.

Esclarecemos que o *corpus* deste artigo é constituído por 10 (dez) relatórios de estágio produzidos por duplas de alunos-mestre devidamente matriculados no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Tocantins (*campus* de Araguaína). Porém, neste artigo, são analisados circunstanciadamente dois excertos retirados de relatórios de estágio distintos. Os dados foram cedidos pelo Centro de Memórias de Estágios Supervisionados (doravante CIMES), localizado no referido *campus* universitário. Trata-se de um departamento onde são armazenados os relatórios de estágios de todas as licenciaturas do *campus*, exceto os relatórios do curso de Licenciatura em História, antes

de passarem por qualquer tratamento de pesquisa. A intenção do CIMES é disponibilizar esses documentos para consulta, desse modo servindo para fins científicos, a toda a comunidade acadêmica.

Nesta abordagem, por questões metodológicas, interessamo-nos mais de perto pelas contribuições que os estudos pragmáticos das vozes podem render às demais pesquisas desenvolvidas no âmbito dos cursos de formação de professores. Desse modo, compreendemos, com base em Fossile (2009), que a *intenção do falante* é, de fato, um diferencial entre essas duas ciências linguísticas, semântica e pragmática. Discutiremos, neste texto, em que medida a intenção do aluno-mestre é vozeada nos relatórios que analisamos.

Além desta introdução, das considerações finais e das referências, este artigo é constituído pelas seguintes seções: breves considerações acerca da semântica e da pragmática, estágio supervisionado nas licenciaturas: condições para uma sociopragmática e análise de vozes de professores em formação inicial.

#### BREVES ESCLARECIMENTOS SOBRE SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA

Nesta seção, apresentamos inicialmente breves esclarecimentos acerca da semântica e da pragmática. Na sequência, realizamos discussões exclusivamente a respeito da contribuição que os estudos pragmáticos podem trazer a investigações que são desenvolvidas nos cursos de formação de professores.

O tempo todo estamos em contato com significados; por exemplo, em todo momento, deparamo-nos com significados

de palavras, de sentenças, de textos, de gestos, de entonações de vozes, de sorrisos, etc. Desse modo, é relevante sinalizar que todo ato de linguagem costuma constituir-se de significados tanto *explícitos* quanto *implícitos*.

Os significados *explícitos* “[...] seriam as informações ligadas diretamente a um estado de coisas, ou seja, vinculadas, até certo ponto, a um sentido referencial ou denotativo do enunciado” (MOREIRA, 2008, p. 68). Para elucidarmos esta questão utilizaremos um exemplo discutido por Moreira (2008) com base em Charaudeau (1983, p. 15-19) e é também um exemplo abordado nos estudos de Cançado (2013, p. 19):

(1) A porta está aberta.

“Em uma análise referencial, o enunciado acima remeteria apenas a um fato específico: o de que há um objeto (porta) que apresenta um estado específico (*aberto*). Por outro lado, uma análise contextualizada levaria em conta a situação específica e os implícitos daí decorrentes [...]” (MOREIRA, 2008, p. 68). Para tanto, com base nos estudos de Moreira (2008), tal como nas pesquisas de Cançado (2013), argumentamos que poderiam ser apresentadas as seguintes interpretações:

(1a) Feche a porta, estamos com o ar-condicional ligado.

(1b) Feche a porta, pois o barulho de fora está incomodando.

(1c) Feche a porta, pois alguém pode ouvir o que estamos conversando.

(1d) Feche a porta, pois estou com medo, podemos ser assaltados.

(1e) Por gentileza, entre. (Convite para entrar).

(1f) Você está atrapalhando, portanto queira se retirar. (Convite para se retirar).

Conforme Moreira (2008, p. 68), a lista de inferências acima apresentada poderia ser maior, porém concordamos com o autor que as inferências apontadas sejam mais do que suficientes para mostrar que uma mesma sequência linguística acarreta efeitos de sentido diferentes de acordo com cada situação, esses efeitos de sentido podem ir além do valor referencial do enunciado.

Com base no exposto, verificamos que os significados explícitos e implícitos podem ser explicados através da semântica e da pragmática<sup>1</sup>. De acordo com Cançado (2013, p. 17), a “semântica é o estudo do significado das línguas”. Mas, a questão fundamental é como delimitar e saber que o significado do qual falamos e ao qual nos referimos é semântico. E como saber quando temos um significado pragmático. A partir desses questionamentos, com o auxílio de exemplos, tentaremos apresentar esclarecimentos para as questões colocadas. Nesse caso, imagine a seguinte situação, a professora está expondo o seu plano de curso semestral em relação à aula de semântica e pragmática. Ao apresentar a forma de avaliação, ela diz: - para o final do semestre, vocês deverão elaborar um artigo científico. Então, uma aluna pergunta: - o que é um artigo? O que significa isso?

Analisamos que a aluna faz uma pergunta sobre o significado de uma palavra, isto é, especificamente sobre a palavra “artigo”. Nesse caso, estamos diante de um

<sup>1</sup> Sobre semântica e pragmática conferir também Fossile (2009, 2013).

questionamento de caráter semântico. Isto é, a resposta para a dúvida da aluna, a princípio, parece-nos que será uma explicação sobre o significado da palavra “artigo”, por exemplo,

o artigo, no âmbito da universidade, é um gênero que tem por finalidade primordial a socialização do resultado de estudos e pesquisas. Escrevem-se artigos para informar a comunidade acadêmico-científica acerca de novas descobertas sobre um determinado foco de pesquisa tanto quanto acerca de questionamentos e releituras de teorizações já existentes. Há, ainda, artigos escritos com o objetivo de revisar bibliografias sobre um tema específico, que reúnem, em uma leitura crítico-analítica, concepções de diferentes autores. (ZANDOMENEGO e CERUTTI-RIZZATTI, 2008, p. 161)

Agora, imaginemos a seguinte situação, uma vendedora está em pé na entrada de uma loja de roupas e uma mulher para na frente da porta da loja e fica olhando para dentro. A vendedora dirige-se, amigavelmente, à mulher e diz: - a porta está aberta! Nesse caso, parece-nos que a fala da vendedora será entendida como um convite. A partir deste exemplo é possível perceber que o significado vai além do sentido do que é dito pela vendedora. A partir daí, podemos nos perguntar como conseguimos compreender situações como essa, ou melhor, como conseguimos alcançar os significados que vão além do que é dito. Como resposta, sustentamos que o nosso conhecimento sobre o mundo, as experiências que vivenciamos no dia a dia, as nossas intenções influenciam e contribuem

para que possamos acessar os significados que vão além do que é dito pelas palavras.

A partir do exposto, podemos concluir que

a semântica pode ser pensada como a explicação de aspectos da interpretação que dependem exclusivamente do sistema da língua, e não de como as pessoas a colocam em uso [...]. Por outro lado, não conseguiríamos entender o que [...] [a vendedora] falou, se não entendêssemos também qual era a intenção [...] [dela] ao falar aquela expressão para determinada pessoa em determinado contexto; a esse tipo de conhecimento, chamamos de pragmática (CANÇADO, 2013, p. 19).

Após apresentarmos breves considerações e esclarecimentos acerca da semântica e da pragmática, finalizamos esta seção. A seguir, passaremos a refletir acerca das projeções de vozes dos professores em formação inicial nos relatórios de estágio supervisionado, que são apresentadas por mecanismos textuais no momento da tessitura do texto. Para isso, conforme já abordado na introdução deste artigo, mobilizamos pressupostos da pragmática, especificamente dos estudos das vozes sociais, desenvolvidos pelo pesquisador dinamarquês Jacob Mey (1998; 2001).

#### VOZES: ESTUDOS PRAGMÁTICOS

Neste artigo, não é nosso interesse apresentarmos definições exaustivas a respeito da Pragmática, mesmo porque não há uma definição precisa e acabada sobre os estudos pragmáticos. Entretanto, dentre as diversas definições apresentadas pela

literatura especializada, a definição que mais se aproxima do conceito de pragmática, que tentamos trazer para esta abordagem, é a explicação apresentada por Levinson (2007, p. 08) ao sustentar que “a pragmática é o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva *funcional*, isto é, que ela tenta explicar facetas da estrutura linguística por referência a pressões e causas não linguísticas”. Nesse sentido, partimos da ideia de pragmática enquanto ciência da linguagem que se preocupa em questionar de que maneira a prática linguística é governada por práticas não linguísticas, isto é, a relação texto/contexto.

Trabalhamos, neste artigo, com a noção de contexto desenvolvida nos estudos pragmáticos, que o entende enquanto meio que abrange práticas sociais e discursivas. Nessa instância, o contexto abarca parâmetros temporais, espaciais e identitários dos enunciadores, de maneira a considerar diversos fatores sociais como motivadores de práticas linguísticas (LEVINSON, 2007). Vamos discorrer um pouco mais sobre a noção de contexto na próxima seção.

Como analisamos produções de relatórios de estágio supervisionado, estamos supondo esses dados como manifestações da linguagem orientadas por situações sociais concretas, tendo em vista que são relatos provindos de uma vivência real, desenvolvida durante o estágio supervisionado. Nesse sentido, estamos inseridos, mais precisamente, no que Mey (1998, 2001) prefere chamar de *Sociopragmática*.

Esta vertente social dos estudos pragmáticos da linguagem, extremamente defendida pelo pesquisador dinamarquês,

problematiza a relação entre enunciador/sociedade/linguagem, de maneira a questionar em que medida os sujeitos se constituem enquanto agentes sociais. Essa tríade é constituída a partir da ideia de vozes sociais. Nesse caso, como entender voz? Com base em Mey (2001, p. 24), estamos utilizando a expressão voz metaforicamente para fazer referência a qualquer ação que diz respeito ao uso da linguagem. O autor apresenta uma explicação tripartida de voz, isto é, faz referência à voz do “membro”; à voz descritiva e à voz societal. A seguir, retomaremos essas vozes de forma mais detalhada (cf. figura 01 deste texto).

Desta maneira, compreendemos que a noção de vozes sociais é articulada com o que o estudioso dinamarquês chama de *formação societal*, a qual engloba fatores individuais e coletivos, simultaneamente, ou seja, é construída pelo movimento de interação de enunciadores, tendo os estudos filosóficos de Bakhtin (2003, 2002) como pano de fundo. Sobre isso, concordamos que “a formação da sociedade não é trabalho do indivíduo, mas o indivíduo é responsável por isso na medida em que é um agente, um personagem, uma voz naquilo que Bakhtin chamou de *orquestração* de um texto” (MEY, 2001, p. 27).

A ideia de voz apresentada por Mey designa o homem social enquanto agente responsável que tem sua fala constituída em razão dos “domínios sociais”, no sentido mais amplo da expressão. Dessa forma, é necessário refletirmos sobre a maneira como ocorre esse vozeamento do homem, dando-o característica de agente social. Mas para isso, é pertinente esclarecermos que as vozes não

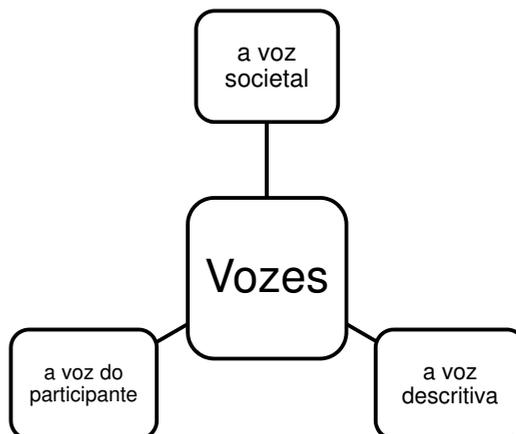
são objetos acabados, mas sim instrumentos de interação construídos socialmente. Portanto, é possível dizer que a sociedade é costurada por diversas vozes que ecoam paralelamente.

A vida em sociedade trouxe para os seres humanos um aprendizado extremamente importante: não se poderiam resolver todas as questões pela força, era preciso usar a palavra para persuadir os outros a fazer alguma coisa. [...] Todo discurso tem uma dimensão argumentativa. [...] o modo de funcionamento real do discurso é o dialogismo. [...] como ensinava Bakhtin, o dialogismo preside à construção de todo discurso, então um discurso será uma voz [em um] diálogo discursivo [...]. (FIORIN, 2015, p. 09)

Sobre isso, compreendemos que “as vozes devem ser entendidas num processo interativo de colaboração entre as partes envolvidas. É essa cooperação contextual que o processo de ‘dar voz/vozear’ em última análise, pressupõe e representa” (MEY, 2001, p. 216). Logo, o jogo polifônico de um texto ajuda-nos a representar esferas contextuais maiores, bem como os enunciadores que se interagem constantemente. Em outras palavras, as vozes são, também, elementos de representação social.

De acordo com a proposta sociopragmática discutida neste estudo, é possível estabelecermos diferentes tipos de vozes. A figura abaixo ilustra essa concepção.

Figura 1: Tipos de Vozes



Fonte: Adaptado de Mey (2001, p. 22).

Através da Figura 1, é possível verificar que Mey propõe a existência de uma tríade de vozes sociais mediadas por relações reais entre enunciadores. São elas, *a voz do participante*, que recorre ao conhecimento de mundo do membro social; *a voz descritiva*, a qual recorre aos pressupostos descritivos da linguística teórica; e *a voz societal*, talvez a mais complexa entre as vozes mencionadas pelo estudioso, pois considera a perspectiva polifônica bakhtiniana.

*A priori*, nos interessa apenas saber que não compreendemos as vozes mostradas na figura acima como estanques ou autônomas, pois todas elas contribuem, a seu modo, com os estudos sociopragmáticos. Por isso, nesta abordagem, optamos por entendê-las como constituintes de um complexo polifônico, que chamamos de vozes sociais.

O conceito de polifonia contemplado por Mey é motivado pelos estudos filosóficos de Bakhtin (2003, 2002), pois parte do princípio de que, no texto, há um diálogo entre diferentes vozes sociais e, com isso, o autor

atua como uma espécie de regente dessas vozes. É nesse sentido que Bezerra (2014, p. 194) acrescenta que,

o que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente de grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro 'eu para si' infinito e inacabável.

A abordagem realizada sintetiza bem o caminho que pretendemos trilhar com a pesquisa ora delineada, considerando o estágio supervisionado como principal motivador para a produção de dados. Desse modo, compreendemos que o professor em formação inicial desempenha a função de regente de diversas vozes sociais materializadas nos relatórios de estágio. Em relação a essa questão, citamos Bohn (2005), que em estudos sobre a identidade do professor de línguas, advoga que são as diversas vozes que influenciam na formação da identidade docente, tais como, a voz institucional, a voz do governo, a voz da sociedade, as vozes dos colegas de profissão, a voz da família, entre outras. O aluno-mestre, nessa instância, tenta lidar com diferentes discursos para ressignificar sua voz e fazer-se presente nos relatórios. Falaremos mais detalhadamente sobre isso nas próximas seções.

#### ESTÁGIO SUPERVISIONADO NAS LICENCIATURAS: CONDIÇÕES PARA UMA SOCIOPRAGMÁTICA

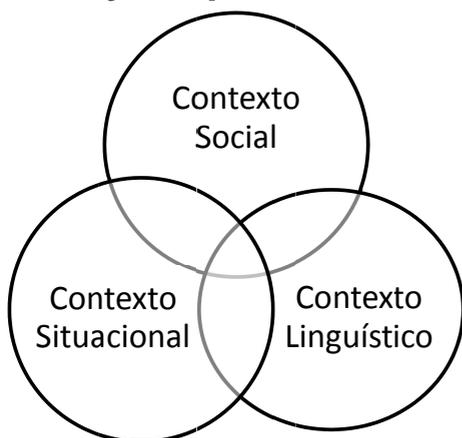
Em linhas gerais, entendemos o estágio supervisionado como disciplina elementar nos cursos de licenciatura, tendo em vista que é o momento em que o professor em formação inicial relaciona, mais explicitamente, a teoria, vista na universidade, e a prática, vivenciada na escola de educação básica. Não é nossa intenção neste texto apresentarmos uma revisão teórica exaustiva a respeito das especificidades pedagógicas do estágio nas licenciaturas.<sup>2</sup>

A premissa acima nos ajuda a direcionar esta pesquisa pelos meandros da pragmática. A relação assimétrica entre universidade e escola de educação básica, bastante questionada nas disciplinas de estágio, propulsiona as relações semântico-pragmáticas materializadas nos relatórios de estágio. Em outras palavras, o contexto em que os relatórios são produzidos ajuda a explicar a ocorrência dos mecanismos gramaticais no momento da produção do texto.

Por consideramos que a sociopragmática se preocupa diretamente com o uso linguístico em situações sociais concretas, apresentamos abaixo um esquema que ilustra a concepção de contexto que assumimos nesta abordagem. Trata-se de uma livre adaptação de Conde (2001), propagada nos estudos pragmáticos latino-americanos.

<sup>2</sup> Mais informações, consultar Pereira (2014), Silva (2012) e Silva e Barbosa (2011).

Figura 2: Tipos de Contextos



Fonte: Adaptado e traduzido de Conde (2001, p. 06).

De acordo com a figura acima, percebemos três tipos de contexto, no caso, o contexto social, o contexto situacional e o contexto linguístico. Mesmo cada um sendo teoricamente diferente, na prática, a linha que os diferencia é tênue. Conforme a figura, podemos estabelecer zonas de intersecção entre tais contextos, estabelecidos pela fluidez de seu alcance. Ao considerarmos a especificidade do campo em que nossos dados foram gerados, é impossível dizermos precisamente a demarcação de cada um.

Entretanto, metodologicamente, entendemos que o contexto social desta investigação é o meio econômico e cultural onde os participantes de pesquisa estão imersos. Logo, trata-se de condições sociais específicas do município de Araguaína - TO, as quais abarcam as relações estabelecidas por todos os atores sociais da cidade e que, de alguma maneira, interferem na dinâmica funcional do estágio supervisionado. É nesse contexto que podemos buscar muitas explicações para a compreensão dos dados gerados, pois, na

pragmática, o meio extralinguístico mantém uma relação intrínseca com o linguístico, estabelecida por uma postura de interdependência (CONDE, 2001).

O contexto situacional, entendido como “aquele que pertence ao *aqui-agora*” (CONDE, 2001, p. 06; tradução nossa)<sup>3</sup>, é representado nesta abordagem pelo contexto da licenciatura em si, na qual os dados foram gerados. O curso ao qual nos referimos é uma Licenciatura em Letras, ofertada pela Universidade Federal do Tocantins, *campus* universitário de Araguaína. Esta licenciatura é composta por 8 (oito) semestres letivos e concede habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira. Conforme os procedimentos propostos pela instituição de ensino, ao final da disciplina de estágio, antes de qualquer tratamento científico, os relatórios são armazenados no CIMES.

Já o contexto linguístico é constituído pela duplicidade entre o meio enunciativo mais imediato, no caso a disciplina de estágio supervisionado, que motiva a elaboração dos gêneros discursivos, e a materialização do texto em si, este compreendido aqui como o relatório de estágio propriamente dito. Optamos pela expressão “gêneros discursivos”, em detrimento da expressão “gêneros textuais”, porque nos interessamos mais de perto pelo caráter social dos relatórios de estágio, concebendo-o minimamente como instrumento de interação discursiva entre enunciadores, portanto, uma ferramenta que medeia relações de poder entre diferentes domínios sociais (BAKHTIN, 2003). Por

<sup>3</sup> No original: “Contexto Situacional: *aquel que pertence a um aqui-ahora*” (CONDE, 2001, p. 06).

esse viés, Machado (2014: 157) endossa que “os gêneros discursivos são formas comunicativas que não são adquiridas em manuais, mas sim nos processos interativos”.

Para analisarmos os relatórios de estágio, na seção seguinte, mobilizamos duas categorias de análise, motivadas pela identificação de mecanismos textuais que evidenciam a voz do aluno-mestre no texto. São, nesse caso, a (i) *dêixis* e (ii) *aspectos verbais*. Essas categorias de análise são pertinentes à proposta de pesquisa que apresentamos neste artigo, porque são mecanismos linguísticos que buscam sentido no universo extralinguístico. Portanto, marcam a ocorrência de vozes do aluno-mestre que consistem em pontos de vista formados no contexto social e no contexto situacional. Assim, o relatório de estágio é resultado de uma organização de vozes constituída na sociedade como um todo.

Em suma, como é possível perceber, não é nossa intenção fazermos uma distinção entre as esferas contextuais apresentadas pelos estudos de Conde. Optamos por uma postura mais problematizadora das práticas discursivas estabelecidas no estágio supervisionado e materializadas nos relatórios de estágio. Procuramos considerar todas as esferas contextuais na construção das relações semântico-pragmáticas, pois compreendemos que “qualquer tentativa de descrição da comunicação que exclua aspectos sociais [em sua dimensão mais ampla] é considerada inócua e ineficiente para a pesquisa pragmática” (PINTO, 2003, p. 63). Ou seja, essa postura nos ajuda a entender que a projeção das vozes dos alunos-mestre nos dados desta

pesquisa são resultados discursivos que não se esgotam no aspecto linguístico apenas.

Na próxima seção, apresentamos o percurso de análise dos dados desta pesquisa, além disso, são exibidos e analisados dois trechos extraídos de relatórios de estágio.

#### ANALISANDO VOZES DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL

Conforme foi dito no início deste artigo, as análises que desenvolvemos nesta abordagem diagnosticam projeções de vozes de professores em formação inicial por meio do uso de certos mecanismos textuais. Aqui, acrescentamos que não consideraremos apenas o elemento gramatical em si, desarticulado dos demais componentes da cadeia sintagmática. Assim, tentaremos compreender a relação semântico-pragmática orientada pelas escolhas gramaticais, o que resulta em construções sintáticas mais complexas, as quais são responsáveis por formar o plano linguístico dos relatórios de estágio. Pressupomos que essas construções mantêm uma relação indissociável com o plano extralinguístico, conforme já discutido.

Nesse viés, nos apoiamos nas ideias de Conde (2001, p. 08, tradução nossa) quando este autor afirma que “um dos usos fundamentais da gramática é o de explicar o porquê de determinadas construções semântico-sintáticas que de outra maneira [fora de uma esfera pragmática] não se compreenderiam”.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> No original: “Uno de los usos fundamentales de la pragmática es el de explicar el porqué de determinadas construcciones semántico-sintáticas que de otra manera no se comprenderían” (CONDE, 2011, p. 08).

As análises foram desenvolvidas obedecendo a duas categorias de análise, a *dêixis*, na qual partimos dos movimentos de referência desses mecanismos textuais, para compreendermos como as vozes de alunos-mestre representam o papel discursivo do relatório de estágio; e *aspectos verbais*, categoria que nos convida a pensar de que maneira os tempos e modos verbais projetam vozes capazes de construir imagens dos diferentes enunciadores do contexto de escola básica.

Os excertos de relatórios de estágio que analisamos consistem em uma transcrição fiel da escrita do aluno-mestre no gênero focalizado. Ou seja, não fizemos nenhum tipo de alteração textual, garantindo a integridade dos dados. Por fins éticos, optamos por omitir os nomes dos alunos-mestre produtores dos relatórios de estágio. Os excertos são acompanhados pelo período letivo no qual os acadêmicos estavam matriculados no momento da produção escrita, e, por fim, o ano em que os dados foram gerados. Optamos por apresentar essas informações junto aos fragmentos analisados, pois acreditamos que sejam informações válidas para a compreensão dos dados que analisamos neste artigo.

#### A) A DÊIXIS

*A priori*, esclarecemos que os dêiticos são elementos da língua que, ao promoverem um movimento de referência, necessitam de informações extralinguísticas que possam ajudar no entendimento de seu uso (cf. CHIERCHIA, 2003; ILARI E GERALDI, 1987; FIORIN, 2012; CANÇADO, 2013; OLIVEIRA, 2001, 2009, entre outros). Cançado (2013, p.

61), com base em Benveniste, sustenta que “[...] a dêixis é um fenômeno que demonstra a presença do homem na língua”. A autora também argumenta que “os elementos dêiticos permitem identificar pessoas, coisas, momentos e lugares a partir da situação da fala [...]” (Id., p. 60). Agora, consideremos o seguinte excerto:

#### EXCERTO 01

Essa aula poderia ter sido muito interessante e desestressante tanto para os alunos como para a professora, pois deixaria de lado **aquelas** aulas monótonas que os alunos não participavam (5º período, 2014).

Tomemos como objeto de análise a dêixis *aquelas*, elemento em destaque no excerto 01. É possível percebermos um duplo movimento de referência, o dêitico pode incluir o sintagma *Essa aula*, isto é, pode evidenciar um julgamento especificamente sobre a aula observada; ou pode ter um comprometimento maior, caso tenha alcance extratextual, ou seja, ao se referir, mesmo que metonimicamente, à prática do professor da escola básica em sua totalidade.

Das duas possibilidades que apresentamos, a segunda delas é a que mais se aproxima da discussão que travamos neste artigo. Chegamos a essa conclusão pelo contato que tivemos com a íntegra do relatório analisado. O professor em formação inicial comumente recorre a elementos linguísticos que retomam a prática do professor da escola básica como um todo e não como um ato isolado observado durante o estágio.

Desse modo, o dêitico ora analisado resgata um discurso pré-concebido que nos parece cristalizado na escrita acadêmica reflexiva. Logo, defendemos a ideia de que o termo *aquelas* não exerce apenas um papel sintático na cadeia falada, mas sim, preferencialmente, vozeia um aluno-mestre que demonstra certa dificuldade de se firmar em sua escrita como um autor crítico-reflexivo.

Em síntese, o aluno-mestre externa uma voz de reprovação à prática docente do profissional da escola básica, o que ocorre com frequência em relatórios de estágio. Entretanto, no que se refere às especificidades da escrita de um relatório de estágio, avaliamos que o aluno-mestre poderia ter projetado sua voz de modo mais reflexivo, tentando considerar fatores maiores que poderiam ter causado a inadequação da prática observada ou mesmo enumerando possibilidades que pudessem aprimorar a metodologia do professor da escola básica.

Passemos agora à análise de um fragmento de relatório observando os aspectos verbais.

#### B) ASPECTOS VERBAIS

Chamamos de aspectos verbais as construções sintagmáticas que, de alguma maneira, estão relacionadas ao verbo ou à ação verbal responsável por situar os enunciadores em um determinado tempo ou espaço (cf. CHIERCHIA, 2003; CONDE, 2001; FOSSILE, 2011, 2012, entre outros). Observemos o excerto que segue:

#### EXCERTO 02

Partindo desse princípio, antes que a professora comentasse sobre o texto, ela **deveria** ter instigado os alunos a comentar sobre o que eles conseguiram assimilar do texto lido, podendo assim, apresentar reflexões consideráveis, proporcionando ao aluno, questionamentos diversificados sobre o mesmo (5º período, 2014).

No fragmento acima, percebemos um momento de sugestão por parte do aluno-mestre. Em sua concepção, o professor teria sua prática docente melhor desempenhada se tivesse seguido outra postura pedagógica, a qual ele sugere em seus relatos reflexivos apresentados no relatório de estágio. Tomemos como ponto de análise a forma verbal *deveria*, destacada em negrito no excerto apresentado. Conjugado no futuro do pretérito do indicativo, o verbo que nos referimos sugere uma ação que poderia ter ocorrido antes de outra situação já praticada.

O mecanismo textual que analisamos gramaticaliza a voz de um aluno-mestre que se mostra apto a sugerir contribuições ao professor da educação básica, mesmo tendo vivenciado uma experiência efêmera em sala de aula, experiência esta adquirida em poucos dias de estágio de observação. Pressupomos que essa voz revele, mesmo que em pequena escala, um aluno-mestre ainda preso à ideia de supremacia da teoria universitária, em detrimento da prática docente em si. Não estamos aqui privilegiando a teoria em detrimento da prática, ou vice-versa, pois presumimos que a relação entre esses elementos é fator basilar para o profissional da educação. Entretanto, também

compreendemos que, ao sugerir alguns procedimentos metodológicos, o aluno-mestre deve considerar fatores externos à sala de aula, que, de alguma maneira, podem justificar a postura do professor da educação básica, sendo, dessa forma, algo bastante complexo.

Essa complexidade parece não ter sido considerada pelo aluno-mestre que, em sua fala materializada na escrita do relatório, além de não buscar explicações para a prática do professor da escola campo, também não enumera os possíveis artifícios que poderiam ressignificar as habilidades dos atores sociais envolvidos no contexto escolar.

Outro ponto que nos chamou atenção, ainda na construção verbal a qual nos referimos, é o uso da desinência *-ia*, entendida agora como partícula responsável por modalizar o discurso da voz do professor em formação inicial. A modalização acarreta alguns pressupostos, dentre os quais a ideia de uma voz que não quer se comprometer diretamente com o que é dito no texto. Ou seja, é como se o aluno-mestre falasse algo de maneira terceirizada, sendo, provavelmente, um recurso estilístico capaz de isentá-lo em caso de algum eventual questionamento que pudesse surgir pelos enunciadores no momento da interação. Portanto, ao mesmo tempo, que o elemento *deveria* isenta o aluno-mestre de qualquer comprometimento, transmite/expressa também uma noção de possibilidade, um ponto de vista (sugestão) do aluno para o desenvolvimento da aula. Conforme Oliveira (2009, p. 129), os auxiliares modais são mecanismos linguísticos que permitem que nós nos desloquemos para outros espaços, para

outros tempos, para outros mundos; que falemos sobre o que pode ou deve ser, sobre o que poderia ou deveria ser, mas não é; sobre o que jamais poderia ou deveria ser. Dessa forma, “a modalidade trata das diferentes maneiras de falarmos sobre o possível e o necessário” (OLIVEIRA, 2009, p. 130). Desse modo, nas duas possibilidades de sentido, a voz que identificamos revela um aluno-mestre que se esforça para digerir a teoria vista na universidade, ao mesmo tempo em que tenta relacioná-la a uma prática docente cada vez mais aprimorada.

Essa perspectiva é de grande interesse da pragmática, pois não há nada no plano linguístico que possa tornar esse pressuposto algo óbvio. Trata-se, portanto, de um apontamento semântico-dedutivo que é possível ser estabelecido ao considerarmos instâncias extralinguísticas e intencionais do aluno-mestre.

Em síntese, conjecturamos que o fragmento ora referido também apresenta indícios que caminham para uma escrita acadêmica mais reflexiva, mesmo que ainda timidamente. Avaliamos como positivo o fato do aluno-mestre demonstrar consciência de que é preciso procurar iniciativas que promovam o debate e a reflexão em sala de aula. Entretanto, é preciso também considerarmos essas iniciativas como algo complexo, devendo obedecer a algumas especificidades do meio.

Os estudos das vozes sociais, especialmente de Mey (2001), nos auxiliaram a entender que as vozes são materializadas por construções gramaticais e interpretadas por relações semântico-pragmáticas. A

partir desta pesquisa, compreendemos que identificar as vozes de professores em formação inicial em relatórios de estágio pode nos auxiliar a compreender qual o perfil de profissional que estamos construindo nos cursos de licenciatura, bem como isso pode diagnosticar um perfil reflexivo da escrita acadêmica do aluno-mestre.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, concluímos que não é possível separarmos o plano linguístico do plano extralinguístico. Fazemos uso de certos mecanismos gramaticais que buscam sua significação além das fronteiras do texto. Pressupomos que as análises que desenvolvemos nesta abordagem ilustram essa premissa.

Partimos do princípio de que as vozes sociais não são elementos neutros, mas instrumentos semiotizadores das práticas discursivas desenvolvidas em diferentes domínios sociais. Dessa maneira, rendemos atenção às peculiaridades do estágio supervisionado, pois se trata de uma disciplina de suma importância na formação do professor. Logo, de alguma maneira, as vozes que identificamos reforçam o caráter essencial do estágio no que se refere à formação docente.

Esperamos que o trabalho que desenvolvemos possa contribuir com os estudos na área da linguagem, principalmente aos que são desenvolvidos na interface entre pragmática e estágio supervisionado.

#### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002 [1929].
- BEZERRA, P. Polifonia. In.: BRAIT, B. (org). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 191-200.
- BOHN, H. A. A formação do professor de línguas: a construção de uma identidade profissional. In: **Investigações: Linguística Aplicada e Teoria Literária**. Recife: UPE, v. 17, n.2, p. 97-113, 2005.
- CANÇADO, M. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2013.
- CERUTTI-RIZZATTI, M. E.; ZANDOMENEGO, D. **Produção textual acadêmica I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.
- CHARAUDEAU, P. **Langage et Discours: Eléments de sémiolinguistique (Théorie et pratique)**. Paris: Hachette. 1983.
- CHIERCHIA, G. **Semântica**. Campinas: Unicamp/Eduel, 2003.
- CONDE, X. F. Introducción a la Pragmática. Iana: **Revista Philologica Romanica**, 2001.
- FIORIN, J. L. A Linguagem em Uso. In.: \_\_\_\_\_. (org). **Introdução à Linguística I: Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 165-186.
- \_\_\_\_\_. Pragmática. In.: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à Linguística II: Princípios de análise**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FOSSILE, D. K. Semântica & Pragmática: Campos In/dependentes. **Revista Voos**

**Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade de Guaicará.** Guarapuava, dez./2009, v. 2, pp. 40-58.

\_\_\_\_\_. **O Significado Aspectual na Interpretação de Metáforas Verbais.** 2011. 300 f. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

\_\_\_\_\_. Valores Aspectuais do Português Brasileiro e do Alemão: Uma Proposta de Síntese. In: MOURA, H. M. de M.; MOTA, M. B.; SANTANA, A. P. de O. (Org.). **Cognição, Léxico e Gramática.** 1. ed. Florianópolis: Insular, 2012, v., p. 1-32.

\_\_\_\_\_. Parece que as coisas estão mudando! Aos poucos a semântica começa a aparecer nos livros didáticos de Língua Portuguesa. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 16, n. 2, 2013.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

LEVINSON, S. **Pragmatic.** Tradução de: BORGES, A. M; ILARI, Rodolfo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MACHADO, I. Gêneros Discursivos. In.: BRAIT, B. (org). **Bakhtin: Conceitos-Chave.** São Paulo: Contexto, 2014. p. 151-166.

MEY, J. L. **As Vozes da Sociedade.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MEY, J. L. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. In.: **DELTA.** vol.14, n.2. São Paulo, 1998.

MOREIRA, J. de A. **Conotações e construção de sujeitos no discurso:** uma análise do discurso midiático da boa forma física. 2008. 228 f. Tese de Doutorado, Programa De Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, R. P. de. **Semântica Formal:** uma breve introdução. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

OLIVEIRA, R. P. de [et al.]. **Semântica.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2009.

PEREIRA, B. G. **Professores em formação inicial no gênero relatório de estágio supervisionado:** Um estudo em licenciaturas paraenses. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2014.

PINTO, J. Pl. Pragmática. In.: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 47-68.

SILVA, W. R. Estudos do letramento do professor em formação inicial nos estágios supervisionados das licenciaturas. In.: SILVA, Wagner Rodrigues. (org). **Letramento do Professor em Formação Inicial: Interdisciplinaridade no Estágio Supervisionado da Licenciatura.** Campinas/São Paulo: Pontes Editores, 2012. p. 27-52.

\_\_\_\_\_; BARBOSA, S. M. A. D. Desafios do Estágio Supervisionado numa licenciatura dupla: flagrando demandas e conflitos. In.: GONÇALVES, A. V. *et al* (orgs). **Estágio Supervisionado e Práticas Educativas: Diálogos interdisciplinares.** Dourados (MS): Editora UEMS, 2011. p. 181-206.

Recebido para publicação em 10 out. 2015.

Aceito para publicação em 30 set. 2016.